

# Cândido

JORNAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ Nº 155 OUTUBRO DE 2024 CANDIDO.BPP.PR.GOV.BR



## OURO VERDE, TERRA GASTA

A forma como escritores(as) retrataram a passagem do extrativismo cafeeiro em diferentes geografias do Brasil

# Índice

3 ESPECIAL CAPA

**Construir com tanto esforço o que se havia derrubado**  
Francisco Camolezi

13 RETRANCA

**Prateleira**  
Redação *Cândido*

16 ENTREVISTA

**Força estranha**  
Mariana Carolo  
por Luiz Felipe Cunha

29 SÉRIE MULHERES CONTRA A DITADURA

**"Aprender a escutar talvez seja a melhor forma de esperar"**  
Almira Maria Maciel  
por Carlitos Marinho

42 ENSAIO

**Carolina Nabuco, uma escritora cordial**  
Adriana Tulio Baggio

48 POEMA

**Telaranha**  
Guilherme Condimoura e Hiago Rizzi

54 POEMA VISUAL

**Simetria do não**  
Marianna Camargo

56 FOTOGRAFIA

**Vestígios do imaginário**  
Charly Techio





**Construir**  
com tanto  
esforço o que se havia  
**derrubado**

Francisco Camolezi

## O extrativismo cafeeiro e o desgaste ambiental nas páginas da literatura brasileira

A lenda conta o seguinte: foi há mais ou menos 1000 anos, na Etiópia, quando Kaldi, um pastor de cabras, percebeu seu rebanho mais agitado que o normal. Os animais corriam alucinados em volta de uma árvore enquanto beliscavam pequenas frutas vermelhas que brotavam dos galhos. Kaldi ficou curioso, experimentou o grão e surpreendeu-se com seus poderes energéticos. Um monge que passava pela região achou tudo aquilo muito estranho e, desconfiado, decidiu confiscar a fruta. Era coisa do diabo. No monastério, durante o ritual de exorcismo, torraram café pela primeira vez. Os monges tomaram a bebida e, sem sono, viraram a noite rezando. Agora, era coisa do divino.

Segundo estudos, o café seguiu para a Arábia Saudita comercializado por peregrinos em caravanas reli-

**Da série "Twin Peaks", Audrey Horne, interpretada por Sherilyn Fenn, e o detetive Dale Cooper, interpretado por Kyle MacLachlan. Um dos traços do excêntrico personagem é seu vício em café**



giosas e comerciais, onde ganhou o status de planta milagrosa e chegou a ser escondido de estrangeiros. O grão se tornou extremamente popular na cultura do Oriente Médio, sendo o nome, café, um derivado da palavra *qahwa*, “vinho” em árabe. No século XIV, foi introduzido na Europa, onde ficou conhecido como “Vinho da Arábia”. No ano de 1570, o café chega a Venezuela com o consumo proibido pela Igreja Católica por conta da sua coloração escura. Só foi liberado dois séculos depois, quando o Papa Clemente VII experimentou a bebida. No final do século XVII, graças ao Jardim Botânico de Amsterdã, na Holanda, o café foi cultivado pela primeira vez fora da Arábia Saudita. Então, os países europeus passaram a incentivar o plantio nas suas colônias do sul global, com clima e solo apropriados.

Por aqui, na América do Sul, deu as caras pela primeira vez na ilha de Martinica, na época Colônia e hoje Departamento Ultramarino Francês. Na primeira metade do século XVIII, o café chegou à Região Norte do Brasil, no entanto, não encontrou terreno fértil. Foi na Região Sudeste que o café se viu em berço natural, chegando ao estado do Rio de Janeiro no ano de 1781. Na virada do século, seguindo o modelo dos grandes latifúndios sustentados por trabalho escravo, o café ganhou São Paulo, na região do Vale do Paraíba, e Minas Gerais, na Zona da Mata.

O café viu o Brasil em suas mais diversas facetas. Fosse Colônia, Império ou República; o Brasil do trabalho escravo e o Brasil supostamente liberal; Brasil rural ou em processo de urbanização, o café sempre esteve lá. Na época, o cultivo fez ascender uma nova burguesia, com traços distintos em relação à elite do açúcar. A elite cafeeira tinha intenções ilustradas, era mais ligada às práticas culturais e artísticas europeias e, hoje, é tida como uma das grandes responsáveis pela modernização do Brasil no século XIX. Em 1911, foi a aristocracia cafeeira a grande mecenas por trás da construção do Theatro Municipal de São Paulo. Apesar do fim do ciclo, que remonta a 1930, o Brasil é hoje o maior produtor de café do mundo, responsável por cerca de 38% da safra global. Ainda, o café é a segunda bebida mais consumida no país, atrás da água.

## Nas safras e nas páginas

Fosse pelo uso de pesticidas ou o desmatamento de florestas para o aumento da safra, a expansão do ciclo do café — do Rio para o Vale do Paraíba, posteriormente para o oeste de São Paulo e, mais tarde, para a Região Norte do Paraná — trouxe, em consequência, o desgaste socioambiental, processo retratado por Monteiro Lobato em *Cidades mortas* (1919). Ambientado no Vale do Paraíba, o livro faz o exercício de imaginar cidades inteiras devastadas pelo fim da fertilidade da terra, vítimas do extrativismo cafeeiro. Lobato narra a história de cidades que “antes prósperas, se esvaziaram; só restaram ruínas e habitantes empobrecidos, sem perspectivas”, conta Milena Ribeiro Martins, professora de Literatura Brasileira na Universidade Federal do Paraná (UFPR) e organizadora do livro *Monteiro Lobato na escola* (2022). Com exceção dos casarões de coronéis antigos, símbolos de uma burguesia ultrapassada, não restam, ali, resquícios de civilização.

Para a professora, o diagnóstico de Monteiro Lobato em relação ao extrativismo cafeeiro na região do Vale do Paraíba está ligado à acumulação do lucro em detrimento de um projeto de cuidado do solo que pudesse garantir a continuidade do cultivo. De acordo com Milena, “o resultado da exploração da terra sem a devida adubação produzira um cenário feito de aridez, de pobreza e de memória de pujança”. Nas palavras do escritor,

*“toda a seiva foi bebida e, sob forma de grão [de café], ensacada e mandada para fora. Mas do ouro que veio em troca nem uma onça permaneceu ali, empregada em restaurar o torrão. Transfiltrou-se para o Oeste, na avidéz de novos assaltos à virgindade da terra nova”.*

Frequentemente usado pela crítica para agenciar a obra de Lobato, o “parasitismo”, por mais que primeiramente relacionada ao “amarelão” e ao adoecimento verminoso da população caipira — representada pelo icônico personagem Jeca Tatu —, parece plenamente

adequado também para a descrição do autor da expansão do extrativismo cafeeiro em São Paulo.

Milena também lembra que *Cidades mortas* não é o único texto do escritor “em que se percebe a separação entre o capital e a produção”. A pesquisadora defende que o tipo humano preferido dos textos ficcionais de Lobato é o do pequeno produtor, o funcionário público ou o trabalhador braçal que não enriquece e não usufrui da riqueza produzida. A exemplo, Milena cita os contos “O drama da geada”, “Júri na roça”, “Um homem de consciência”, “O rapto”, textos com personagens vítimas de um país cada vez mais estratificado, “os pobres-diabos que depois vicejariam na prosa dos anos 1930 em diante”, diz.

Outra vertente da crítica ao decadentismo provocado pelo ciclo do café levantada por Milena Martins é que, em Monteiro Lobato, quando o solo é retratado em sua fertilidade, os efeitos nocivos da cultura agrícola são muito parecidos com aquilo que 110 anos depois o sociólogo Jessé Souza identificou como “a formação da ralé brasileira”, uma classe que, desassistida pelo Estado, investe em discursos reacionários e antisistema para dar vazão ao descontentamento. É o caso do conto “Café! Café!”, um dos primeiros do escritor, publicado pela primeira vez em 1900 e anterior ao Convênio de Taubaté de 1906, acordo interestadual que regulava o rendimento cafeeiro. No conto, explica Milena, “o cafeicultor vai perdendo suas terras, vendendo pedaços de sua fazenda para pagar dívidas, porque o preço do café não parava de cair”. Mesmo diante da crise, o personagem insiste na plantação de café e, sem retorno financeiro, acaba se tornando um monarquista ferrenho, “descrente do governo republicano”, que, parafraseando Lobato, “não protege a lavoura, que não cria bancos regionais, que não obriga o estrangeiro a pagar o precioso grão a peso de ouro!”, conta a professora.



## Região do Vale do Paraíba, no interior de São Paulo

O diagnóstico de Monteiro Lobato em relação à expansão da cafeicultura no estado de São Paulo é bastante parecido com o de Júlio Cesar Voltolini, doutor em Biologia Vegetal pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp) e professor de Biologia da Degradação na Universidade de Taubaté (Unitau). De acordo com Júlio, o ciclo de café foi muito importante para a economia do Vale do Paraíba, no entanto, durante décadas, os produtores investiram pesado na cafeicultura, e não na recuperação do solo. Por se tratar de um vale, ou seja, com suas laterais cobertas por montanhas, o desmatamento da floresta nessas geografias em declive acaba acentuando o esgotamento dos nutrientes do solo pela lixiviação, quando a água da chuva carrega morro abaixo o nitrogênio, fósforo, potássio e outros elementos fundamentais para o desenvolvimento das plantas, dando início ao processo de desertificação da vegetação. Isso, somado à construção da ferrovia Santos-Jundiaí, que transportava a produção agrícola do oeste até o Porto de Santos, foi o que motivou o declínio do ciclo do café no Vale do Paraíba. Outras cidades passam a concentrar a produção do café no estado de São Paulo, como Ribeirão Preto, Bauru, Campinas e Franca. Para o professor, “o Vale do Paraíba ficou para trás, e a retirada das florestas para o plantio do café nos custou um impacto am-

biental enorme, fosse por conta da extinção de várias espécies de plantas e animais, como pela degradação enorme do solo em boa parte do vale”. Ainda, com a retirada da vegetação, o Vale perdeu suas bacias hidrográficas, fazendo com que pequenos riachos simplesmente desaparecessem. “Assim, o Vale do Paraíba inicia um ciclo de pobreza, com impacto econômico e não apenas ambiental”, explica o professor.

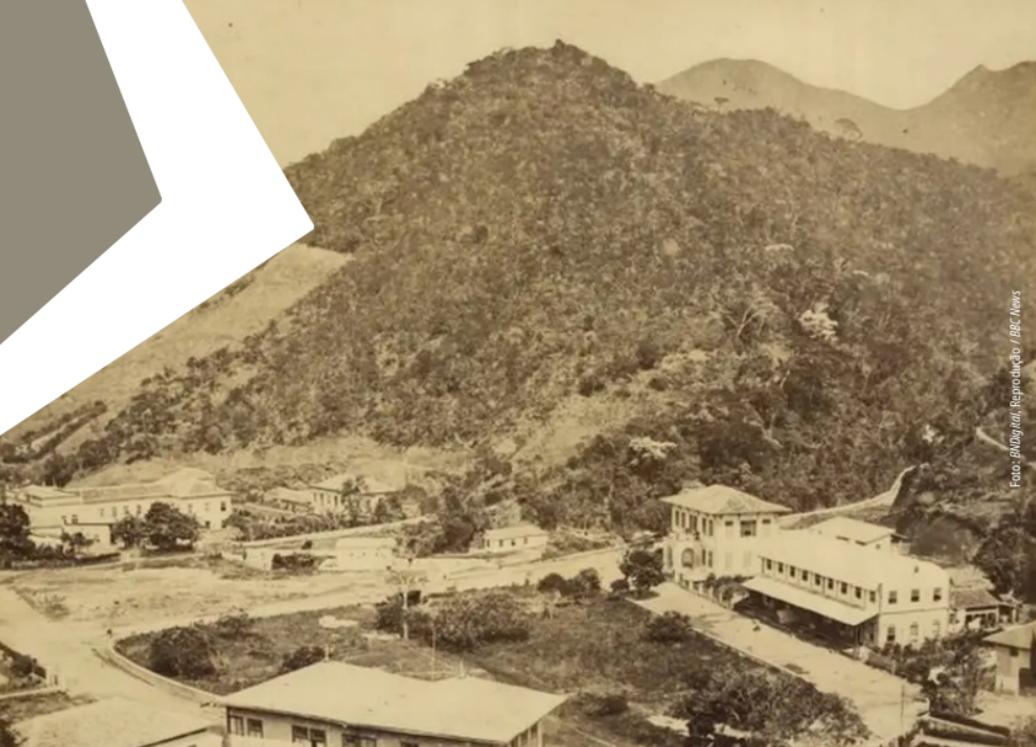
## Outras florestas

O cenário não é uma particularidade do Vale do Paraíba. Na floresta da Tijuca, com o desmatamento da cobertura vegetal nas nascentes dos rios Carioca e Paineiras, o extrativismo cafeeiro foi responsável por uma crise de água potável na cidade do Rio de Janeiro. O diferencial, aqui, é a resposta do governo imperial. Na época, o Jardim Botânico do Rio de Janeiro — que já existia desde 1808 como um centro de pesquisa sobre a flora brasileira — desempenhou papel importante na mitigação dos danos causados pela cafeicultura e extração de lenha para produção de carvão na região serrana. Em 1861, Dom Pedro II assina o documento “Instruções Provisórias”, que determinava ao major Manuel Gomes Archer e ao Barão d’Escragnoille a administração do programa de reflorestamento da floresta da Tijuca. É a primeira vez que o Brasil assiste a um projeto do tipo.

Para Cláudia Beatriz Heynemann, doutora em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e autora do livro *Floresta da Tijuca: natureza e civilização* (1994), apesar do pioneirismo do reflorestamento da Tijuca, o projeto não é “estranho ao seu tempo”. Por parte do Império, vinculado à Academia de Ciências de Lisboa e às tendências naturalistas de José Bonifácio, referência na preservação dos bosques de Portugal, havia no processo de construção da nação uma inspiração nos valores iluministas, historicamente ligados à preservação da natureza por razões pragmáticas, racionais e científicas, e essa proposta ecológica era reforçada pela literatura.

Do ponto de vista do texto, é um traço distintivo do projeto estético brasileiro a visão romântica da natureza, que exaltava a grandeza da nação pela sua fauna e flora. "Nesse sentido, embora o reflorestamento da Tijuca fosse inédito, essas medidas não eram estranhas aos letrados, políticos e toda a classe senhorial da época", conta Cláudia. Então, as primeiras explicações para as questões de abastecimento de água que assolaram a cidade do Rio de Janeiro no século XIX estavam fundamentadas no processo de desmatamento da floresta da Tijuca pelo cultivo do café e extração de lenha. Há, também, uma crítica ao modelo de produção colonial vigente nas plantações de café, baseado na mão de obra de pessoas escravizadas de origem africana, "algo que se encontra nos discursos das autoridades e nos relatórios que eram feitos sobre a situação da floresta da Tijuca", diz.

Para Cláudia, na literatura carioca, a floresta da Tijuca não apenas ambienta contos e romances de escritores como José de Alencar, Machado de Assis e Clarice Lispector. Sua preservação é o resultado de um movimento de ideias na escrita romântica brasileira. O texto literário coloca em destaque a floresta não só como cenário, mas também como espaço complementar da cidade. Fosse na literatura ou na fotografia, "a floresta da Tijuca foi um exemplo para a cidade em termos de arborização, construção de jardins, e até de uma sociabilidade urbana, seguindo o modelo de civilização de cidades como a Paris do século XIX", explica. É o caso do romance *Sonhos d'Ouro* (1872), de José de Alencar, onde o escritor cria uma voz paralela ao narrador da trama para falar sobre a floresta: "*Viva a imagem da loucura humana! Refazer à custa de anos, trabalho e dispêndio de grande cabedal, o que destruiu em alguns dias pela cobiça de um lucro insignificante!*".



Floresta da Tijuca, no Rio de Janeiro, durante o ciclo do café

## De volta ao Vale

Algumas décadas depois, com a construção de pequenas fábricas, o retrato econômico do Vale do Paraíba muda de uma economia baseada no café para uma economia de indústria. No entanto, o desgaste ambiental ficou para a história e, hoje, diversas regiões do Vale estão descobertas de florestas, com pastos onde sequer há a possibilidade de criação de gado.

Agora, Júlio César Voltolini trabalha em projetos de pesquisa sobre os remanescentes da floresta atlântica e a preservação da fauna e espécies vegetais ameaçadas. O professor está envolvido em projetos de visitas às florestas remanescentes com adolescentes e crianças de escolas estaduais e municipais. A expectativa é que, no futuro, esses jovens cientistas concluam seus cursos de graduação, tornem-se profissionais e retornem às suas cidades de origem para ajudar a comunidade a preservar o meio ambiente. <

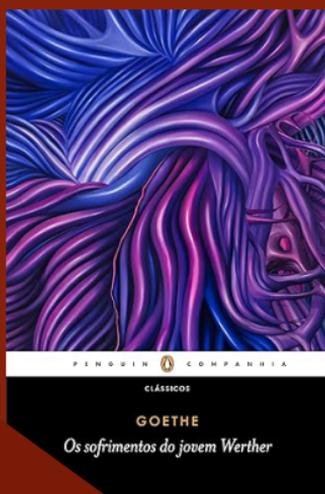


Foto: Canal Spornion | Edição Crânio

**Francisco Camolezi** nasceu em Jaciara, interior do Mato Grosso. É estudante de Jornalismo na Universidade Federal do Paraná (UFPR), repórter no *Cândido* e atualmente é *trainee* na segunda turma de Jornalismo de Saúde e Ciência no Estadão.

# Prateleira

O jornal **Cândido** indica algumas sugestões de livros inspirados no tema da reportagem principal, que vão desde a obra que marca o romantismo na literatura até a saga da cultura cafeeira no Brasil



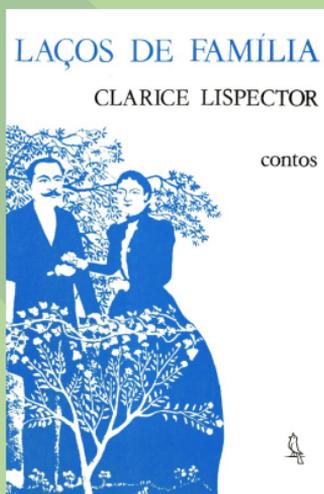
## *Os sofrimentos do jovem Werther (1774)*

Romance epistolar, considerado uns dos marcos iniciais do romantismo, do escritor alemão Johann Wolfgang von Goethe. Em uma narração densa e intimista, o livro traz cartas que Werther troca com seu amigo, Wilhelm, sobre sua paixão arrasadora nutrida por Charlotte. Nelas estão retratadas o sofrimento de um romance impossível, por conta da jovem estar prometida em casamento a outro homem. A obra é reconhecida mundialmente, tornando a personagem de Werther modelo do herói pré-romântico.

## *Cidades mortas (1919)*

Os relatos regionalistas apresentam personagens típicos brasileiros em situações engraçadas, oferecendo críticas sutis aos valores sociais e ao comportamento humano nesta coletânea de contos de Monteiro Lobato, ambientada em uma cidade do interior de São Paulo. Os contos exploram temas como a decadência econômica, a queda da produção cafeeira, a literatura da época e a desvalorização da honestidade, além de criticar o nacionalismo exagerado e a crueldade, refletindo sobre a realidade sóciopolítica do início do século XX.



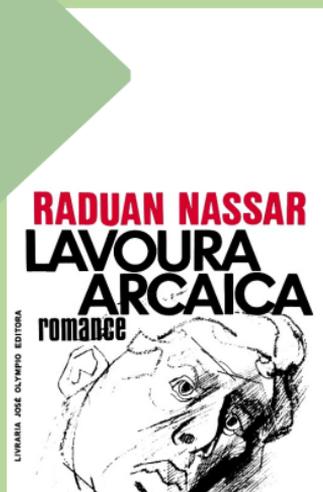


## "Amor" (1960)

Conto de Clarice Lispector, incluso no livro *Laços de Família*. Narrado em terceira pessoa, gira ao redor da personagem de Ana, que é mãe, esposa e dona de casa, tendo como sua principal ocupação as tarefas domésticas. Quando avista um homem cego mascando goma, seus diálogos interiores e reflexões ganham mais profundidade. De certa forma, este conto deu origem até mesmo à capa desta edição do *Cândido*, com a aranha que Ana observa no jardim.

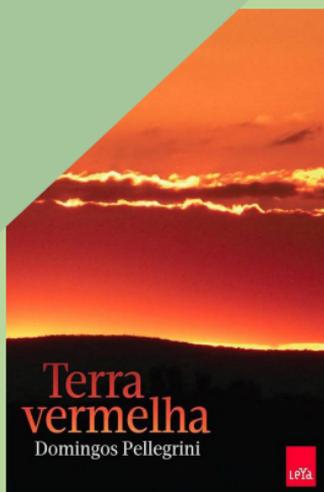
## Lavoura arcaica (1975)

Primeiro romance de Raduan Nassar. A obra conta a história de André, um jovem que foge da vida na lavoura com a família para a cidade, numa tentativa de se desvincular da rigidez do ambiente em que cresceu, envolvendo tanto o domínio paterno quanto a religião, além de uma paixão incestuosa que nutre pela irmã, Ana. O livro faz um paralelo com a parábola do filho pródigo, junto de outros simbolismos religiosos que circundam o protagonista.



## Terra vermelha (2013)

Domingos Pellegrini narra a história de José e Tiana ao longo de quatro décadas. A epopeia dos migrantes durante o processo de colonização do Oeste do Paraná serve como pano de fundo para o autor explorar, em uma narrativa envolvente, os temas da existência humana. <





# Força

## Estranha

Mariana Carolo

por Luiz Felipe Cunha

➤ Mariana Carolo

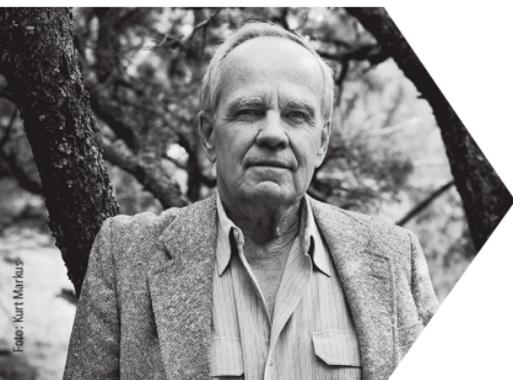


A pesquisadora Mariana Carolo teve acesso às anotações pessoais de David Foster Wallace sobre a obra *Meridiano de Sangue*, de Cormac McCarthy; o resultado é um extenso ensaio que será publicado por uma editora curitibana

Movida por um desejo latente de destrinchar o máximo de um assunto, a professora e pesquisadora Mariana Carolo se propôs a montar um mapa que conectasse seu autor preferido, David Foster Wallace, a outros autores que o influenciaram. Então, inicialmente, deu uma chance para o *Arco-íris da gravidade* (1973), de Thomas Pynchon, mas o livro não a impactou como ela esperava. Nesse meio tempo, seu marido a presenteou com um exemplar de *Meridiano de Sangue* (1985), de Cormac McCarthy, um épico brutal sobre a gênese dos Estados Unidos, completamente distinto do universo ansioso e dos cenários urbanos de Wallace. Certo dia, ela comentou com o parceiro sobre estar obcecada pela leitura do *Meridiano*, mas que gostaria de continuar seu projeto pessoal na busca pelos escritores que influenciaram Wallace. Então, o marido “fez o óbvio” (nas palavras dela): pesquisou despretensiosamente no Google “Cormac McCarthy e David Foster Wallace”, e nisso apareceu uma foto, toda pixelada, no X (antigo Twitter), das anotações que Wallace havia feito à mão na edição surrada que ele tinha de *Meridiano de sangue*. Pronto, era o que Mariana precisava. Cismou que queria traduzir aquelas anotações e fazer um estudo. O resultado dessa imersão é o ensaio *Meridiano infinito: notas de David Foster Wallace sobre Cormac McCarthy*, prestes a ser lançado pela editora curitibana Madame Psicose.

Mas, embora o mergulho no árido deserto texano de McCarthy, cercado por reflexões de Wallace, tenha sido um alívio intelectual, Mariana não contava que a produção do livro fosse sobreposta por um crime am-

biental. Moradora de Canoas, no Rio Grande do Sul, uma das cidades mais atingidas pelas enchentes no início de 2024, ela passou meses convivendo com o ruído constante de helicópteros sobrevoando sua casa e com tudo ao seu redor submerso. Em entrevista, Mariana revela como o processo de escrita foi uma âncora em meio ao caos: a literatura não só a ajudou a atravessar o momento conturbado, como também lhe ofereceu uma forma de sublimação da tragédia.



➤ Cormac McCarthy



➤ David Foster Wallace

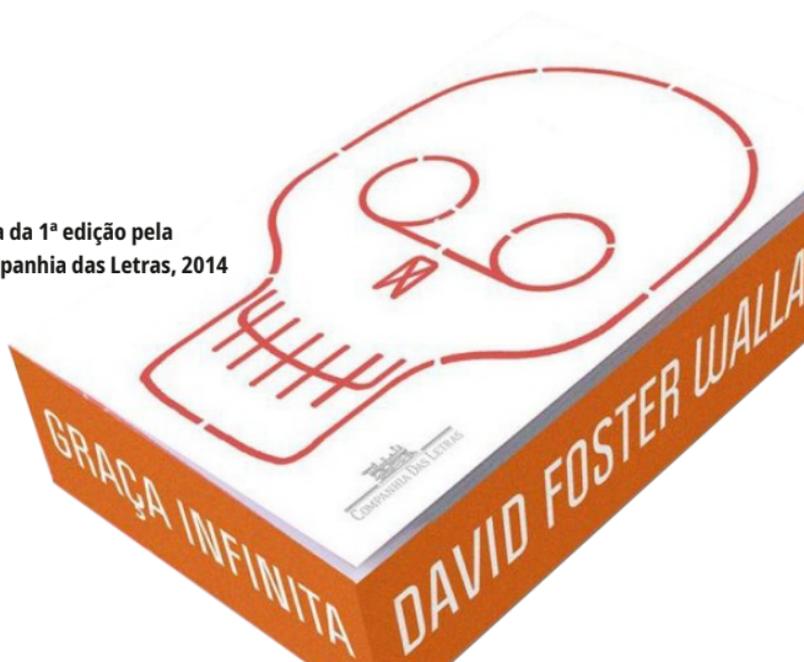
➤ Capa do ensaio de Mariana Carolo pela editora Madame Psicose, 2024



## Como foi o processo para conseguir acesso a essas anotações pessoais do David Foster Wallace em alta resolução?

No final de 2023, entramos em contato com o centro de pesquisa Harry Ransom Center, que detém os direitos sobre as coleções do Wallace, e conseguimos as fotos das anotações em alta resolução. Comecei a estudar e analisar aquelas cópias e fiz uma primeira versão de um ensaio. Eu não tinha o intuito inicial de publicação, fiz aquilo apenas pelo gosto de pesquisar e estudar, de pensar exaustivamente um assunto, acabei enviando o texto para algumas revistas. Foi negado. Então, eu soube do trabalho da editora Madame Psicose (cujo nome faz referência a um personagem do livro *Graça Infinita*), enviei o texto para publicação no blog da editora e deu certo. Nesse meio tempo, meu marido conseguiu a segunda parte das anotações, e o João Lucas Dusí, que está por trás da Madame Psicose, falou: "Vamos fazer um livro!". Depois disso, iniciou-se um processo super burocrático para conseguir autorizações, tanto por parte dos detentores dos direitos autorais do Foster Wallace quanto do Cormac. O livro seguia bem, estávamos na fase de refinar o texto bruto. Então veio maio.

➤ Capa da 1ª edição pela Companhia das Letras, 2014



## **Foi quando começou as fortes chuvas no Rio Grande do Sul, certo?**

Exato. E, sinceramente, eu ainda não consigo expressar verbalmente. Eu tive muita sorte, fui privilegiada. Moro em Canoas, uma das cidades mais atingidas pelas enchentes, mas fiquei apenas 21 dias sem água. Foi desesperador, basicamente metade da região ficou submersa. E como sou professora, pelo menos tive a segurança de ter um emprego público fixo. O meu prédio abrigou, por duas semanas, um grupo de refugiados climáticos; e ver o desespero das pessoas, ouvir o barulho dos helicópteros a todo momento, ter que pegar água em garrafas pet... foi horrível. Mas, nesse momento inicial, confesso que escrever o livro me ajudou a ter foco, me ajudou a sublimar toda a tragédia. Tragédia não, crime ambiental, melhor dizendo.

Depois, a escola na qual eu trabalho passou a servir como abrigo para as pessoas que ainda estavam desabrigadas. Ouvi várias histórias de pessoas que perderam tudo o que tinham, foi a coisa mais triste do mundo. Nós [os professores e funcionários] fomos convocados a trabalhar nesses abrigos, e a função que me foi dada era a de ficar na portaria. Eu, basicamente, registrava as entradas e as saídas, e isso me permitiu continuar com a produção do livro, que me ajudava a manter a sanidade. (Você deve ter percebido minha luz piscando, peço desculpa; por aqui estamos entrando numa segunda fase de temporal. Se acontecer alguma coisa, foi a minha luz que caiu de novo).

## **De que modo escrever te ajudou?**

Como eu disse, não fui atingida, mas a dor do outro não tem como ser ignorada. Foram dois meses desesperadores. Só que ao mesmo tempo tenho dois filhos, tinha a louça para lavar, coisas para resolver. Eu tinha que estar bem para trabalhar no abrigo, pois era um ambiente pesado; as pessoas à minha volta perderam tudo e eu sentia que não podia me dar ao luxo de surtar. Por isso a produção do *Meridiano infinito* foi importante. Gosto muito de estudar, pegar um tema, pensar

nele e entender o máximo que eu puder. E, ao fazer isso, fico extremamente focada. No caso da leitura do *Meridiano de sangue*, embora tenha semelhanças com a questão da formação do Brasil e o genocídio dos povos indígenas, a história era distante, não contemporânea, e isso me ajudou a distanciar um pouco a cabeça. Naquele momento, eu estava pensando em outras questões, não tinha tempo para pensar na realidade terrível que estava me cercado.

**Na apresentação do seu livro, você comenta que o crítico Harold Bloom abandonou, inicialmente, a leitura do livro *Meridiano de sangue* por considerá-lo muito violento. Pensando nisso, qual foi a sua impressão após a primeira leitura da obra?**

Pode soar esquisito, mas a minha primeira impressão foi de um livro muito bonito. Sim, também há muita violência. Mas é uma violência, digamos, bonita. Vou explicar melhor: por exemplo, eu estava lendo o *2666* (2004), de Roberto Bolaño, e há capítulos com descrições de assassinatos. Foi difícil continuar a leitura, pois é uma violência gratuita. Já a violência do *Meridiano de sangue*, acho bonita porque ela é quase uma força da natureza. As construções estéticas são bonitas. Esse livro trata sobre um momento específico da história da formação dos Estados Unidos, quando o Oeste norte-americano foi invadido e os povos originários foram exterminados. É um momento de transição daquele país; e eu achei muito bonita a forma como McCarthy coloca essa natureza se transformando em cidade. Eu a enxerguei enquanto algo natural, diferente do mal puro e simples.

## **Qual a intenção do Cormac McCarthy ao descrever essas violências, como assassinatos, mutilações, tiroteios, etc., de forma poética?**

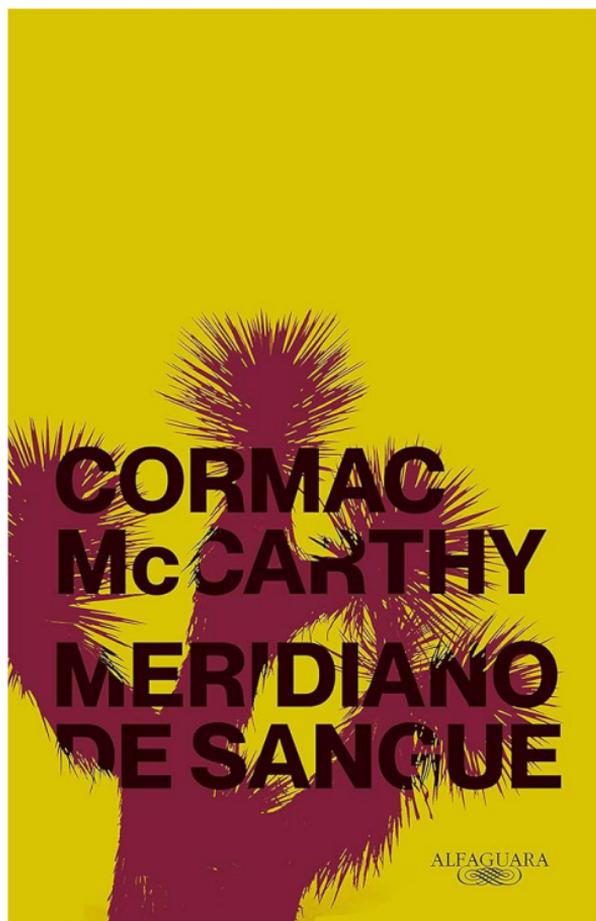
Estou estudando o *Meridiano de sangue* há praticamente um ano e não me sinto segura para te dizer o que o autor quis dizer com o livro. Há muitas discussões acerca do que as passagens apresentam, sobre o significado delas. Eu encaro a obra como se fosse uma *matrioska*, aquelas bonecas russas dentro umas das outras, têm muitas camadas. Nesta lógica, podemos pensar que a violência possui um aspecto histórico na obra: a construção dos Estados Unidos através da violência como filosofia. Por exemplo, o personagem principal é o Kid, porém o grande centro dos fatos é o Juiz Holden, que é um tipo de vilão. Mas não consigo enxergar o Juiz como um vilão clássico, puramente malvado. Ele ultrapassa o conceito de “bem” ou “mal”, utiliza da violência para impor a sua visão, para provar um ponto.

Também podemos pensar a violência como uma questão de sociabilidade masculina. Como é dito no começo do livro: “a criança já nasce com gosto pela violência”. E na história do livro, quando Kid encontra um bando para acompanhar, aquela sociabilização com os companheiros existe a partir da violência. No contexto, o bando necessita ser um grupo violento para atirar e varrer do terreno os indesejáveis, no caso os indígenas. Ou seja, essa violência passa por uma questão de sociabilidade.

## **Nas anotações do David Foster Wallace sobre o *Meridiano de sangue*, ele chegou a pontuar alguma coisa a respeito dessa violência?**

A violência aparece nas anotações do Foster Wallace, mas de forma ampla. Por exemplo, a passagem que o Kid é o único sobrevivente de um ataque comanche, David comenta, com um tom meio irônico, sobre a escrita do McCarthy soar pomposa, como um rei inglês, por causa do ritmo causado pela falta de vírgula em algumas sentenças. Ele também traz reflexões sobre a

questão da natureza, compara o Juiz Holden com Shiva (um deus hindu que representa a destruição e a regeneração), percebe a tensão racial referente ao personagem do Black Jackson. A impressão que tenho é que o Wallace estava querendo encontrar todas as engrenagens do *Meridiano de sangue*. Para isso ele estabeleceu as anotações de duas formas: as principais em tópicos, que são as que estão no livro, e as impressões dele ao longo das páginas. Eu não tive acesso a todas as impressões. Mas por meio dos tópicos, que vão do início ao fim do livro, dá para perceber que ele queria entender todas as engrenagens da obra.



➤ Capa da 2ª edição pela editora Alfaguara, 2020

## **O que te chamou atenção nessas anotações ao ponto de querer destrinchá-las? Você enxerga um valor artístico literário nelas?**

É curioso que, quanto mais velha vai ficando, menos as coisas te emocionam. E o *Graça infinita* (1996), do David Foster Wallace, é um livro que li e reli de cabo a rabo duas vezes. Há trechos que eu pego periodicamente para ler. Esse livro nunca deixa de me emocionar. Ele me causa esse sentimento de querer entender a mente do homem que escreveu a obra. E, como disse, gosto muito de estudar e pesquisar, sempre estou lendo, e isso me motivou a encontrar uma relação entre o Foster Wallace e o McCarthy. Neste sentido, essas anotações foram o ponto de ligação. Sobre considerá-las arte, eu diria que antes elas são como um mapa de entendimento. Mas, sim, há muita beleza nas anotações, pois são quase como uma expressão de uma consciência que nunca para. O Wallace nunca parava de pensar e ele precisou colocar aquilo no papel, riscar todo o livro dele, porque estava fervilhando vendo aquele Estados Unidos apresentado pelo McCarthy; fora todas aquelas questões de estrutura de texto que às vezes o incomodava.

## **Dentro da tradição da literatura americana, onde você diria que estão esses dois escritores? O que eles representam e qual a contribuição deles?**

Na minha visão, o David Foster Wallace foi o último grande escritor do século XX (dentro da tradição norte-americana e ocidental). Já o McCarthy é muito subestimado. Claro, o McCarthy é super comentado no mundo, mas acho que ele deveria ter uma atenção maior. Veja, são dois autores que não ganharam o Nobel, embora muito influentes no Ocidente. Foster Wallace teve a trajetória abreviada por conta do suicídio, de repente ele poderia vir a ter ganhado, mas é um absurdo um McCarthy não ter levado um Nobel para casa. Ele é gigante, parecia não se importar em ter a fama, não queria dar entrevistas, não frequentava as rodas dos artistas que poderiam ter feito seu nome ecoar mais.

Mas se nem ele se importava com isso, eu também não vou me importar.

**Na apresentação do seu ensaio, você diz que o *Graça infinita* soa como uma catedral, enquanto o *Meridiano de sangue* lembra “um pastor pregando no meio das aterradoras paisagens da fronteira entre os Estados Unidos e o México”. Pode explicar essa comparação?**

O *Graça infinita* tem uma estrutura particular, com aquelas mil páginas que se desdobram, construindo aquele mundo aterrador, caótico, mas ao mesmo tempo com cenas muito bonitas. Eu sou mãe de menino com transtorno do espectro autista, toda a construção do Mario Incandenza, do rapaz com as deficiências, com as deformações, é muito bonita. Aquilo me tocou profundamente. Vejo essa obra como uma catedral porque o autor constrói uma estrutura gigante, com personagens, com fatos que se sobrepõem, para, no fim, estar adorando coisas muito simples. *Graça Infinita* é um livro que fala sobre amor, embora pareça que não. Sobre o *Meridiano de sangue* soar como um pastor, é uma referência ao padre Tobin, que aparece na obra. Nesse núcleo, se levantam várias reflexões sobre o homem na natureza. Tem a cena do Tobin no deserto segurando uma cruz de ossos de carneiro, gritando contra o Juiz. É uma cena muito bonita porque surge a reflexão: a religião é uma ânsia humana em tentar entender a natureza e tudo o mais ao seu redor. Nesta cena específica no deserto, é como se o padre tentasse se estabelecer naquele meio onde não há chance para vitória, no fundo sabe que não há como vencer o Juiz Holden — tanto que pede para o Kid atirar, mas ele nunca atira no Juiz. Eu achei linda essa cena, é escrita de uma forma muito bonita, muito humana. A utilização dos ossos de carneiro, por exemplo, é o ser humano usando o meio, usando o que pode, o que está perto, o que está à mão, para vencer algo que ele não tem como vencer.

**Você comentou sobre o Juiz Holden, de certa forma, ser uma representação da força da natureza. É comum também fazer essa associação com outro personagem do Cormac McCarthy, o Anton Chigurh, do romance *Onde os velhos não têm vez* — que ficou bem conhecido com a adaptação para o cinema pelas mãos dos irmãos Coen ("*Onde os fracos não têm vez*", 2007). Você enxerga paralelos entre os dois antagonistas?**

Vou me abster de fazer paralelos porque vejo as obras do McCarthy como bonecas russas, e qualquer paralelo que eu fizer vai diminuí-las. Mas o que eu posso dizer é que McCarthy tinha questões que vão aparecer até nas suas últimas obras (*O Passageiro e Stella Maris*). Primeiro, é o espanto humano perante a existência, o mundo e a natureza — nisso surgem as violências. É como se ele se perguntasse: "Como a natureza, o nosso ambiente, pode ser um espaço tão assustador?" McCarthy escreveu muito sobre paisagens, dava foco nisso. Ele imprime que o deserto pode ser assustador assim como o alto mar. McCarthy pensa muito também em questões de religiosidade, e daí entra a questão também do que é o "bem" e o que é o "mal"? Deus existe? Deus nos abandonou? Onde a gente encontra Deus? Percebo que ele tinha essas questões e seus os livros se desenrolam em cima delas. Mas fazer comparações e paralelos, como eu disse, acho que diminui as obras.

**Você sabe se o Foster Wallace chegou a fazer anotações sobre outros autores em outros livros? Daria para fazer, digamos assim, uma série de ensaios sobre essas outras anotações?**

Após a morte de David Foster Wallace, sua biblioteca pessoal foi transferida para o Harry Ransom Center, localizado em Austin, Texas. E, sim, os livros de sua coleção, muitos contêm anotações, como nos exemplares de *O Silêncio dos Inocentes* e *Dragão Vermelho*, de Thomas Harris, que estão completamente preenchidos com comentários. Há outros, com certeza. Seria meu sonho de vida poder ter acesso a tudo. No entanto, o processo para acessar e utilizar esse material envolve

uma série de complicações burocráticas. Por exemplo, para fazer o *Meridiano infinito*, o Harry Ransom Center permitiu o uso das imagens dos livros anotados, mas para usar o conteúdo escrito por Wallace tivemos que solicitar uma autorização diretamente com os herdeiros, o que tornou o processo de pesquisa e uso dessas anotações extremamente difícil. Hoje, eu não me dedico a isso justamente por causa da burocracia americana. Embora costumemos pensar que nossa burocracia é complicada, a deles é, em certos aspectos, ainda mais insana.

**Para finalizar, qual o seu momento preferido do *Meridiano de sangue*?**

Há duas passagens que considero especialmente impactantes. A primeira acontece após o primeiro ataque, quando o Kid está com a companhia do Capitão White. O trecho descreve a fuga pelo deserto, em que um menino mortalmente ferido tenta escapar ao lado do Kid. O momento em que o Kid percebe que poderia ser ele o que morre torna a cena muito forte. A construção dessa passagem é intensa. A segunda passagem é a cena final, mas não é o encontro do Juiz com o Kid. O que me marca é a imagem do urso dançarino. Há uma menina tocando um realejo enquanto um urso dança, antes de morrer. Essa cena representa algo maior: a natureza sendo derrotada. Considero uma sacada genial. <

**Luiz Felipe Cunha** é jornalista e editor. Trabalhou como repórter no Jornal Cândido e tem textos publicados no Jornal Plural e BandNews Curitiba.

“Aprender  
a escutar  
talvez seja  
a melhor  
forma  
de esperar”

Almira Maria Maciel

por Carlitos Marinho



> Almira Maria Maciel

Almira Maciel, professora e militante histórica do Movimento Negro Unificado (MNU), diz que é necessário ir à rua e escutar o que o povo tem a dizer, mesmo quando o que for escutado possa não agradar aos ouvidos. O “esperançar” de Paulo Freire ao qual Almira se refere é a esperança com criticidade, como sempre teve ao longo de seus 77 anos de vida. Crítica desde criança, já foi tachada de “mal educada” por questionar a Ditadura Militar a um advogado amigo da família.

A luta de Almira foi fundamental para as conquistas do MNU tanto no Paraná quanto no Brasil. Nos anos de 1992 e 1993, Almira participou da articulação nacional da Marcha do Tricentenário de Zumbi em Brasília, encontro marcante para a reconstrução de ideais de heróis nacionais. Também foi uma das articuladoras da Comissão de Sindicalistas contra a Discriminação Racial da Central Única dos Trabalhadores (CUT) e comandou a Secretaria de Combate ao Racismo do Partido dos Trabalhadores (PT) do Paraná no final dos anos 90.

Sua militância se expandiu nacionalmente, envolvendo-se com a organização de debates sobre reparações e a denúncia de crimes de lesa humanidade na Conferência de Durban em 2001. A partir de sua relevância nacional, coordenou o Encontro de Educadores Negros e Negras do Paraná entre 2005 e 2008, um marco na luta contra o racismo no estado, que contou com a participação de figuras importantes como Vanda Machado, Helena Theodoro, Jorge Nascimento, Baba Diba e Yá Carmen Holanda.

Também realizou pesquisa acadêmica sobre as mulheres negras escravizadas em Curitiba no século XIX com o título “Você sabe fazer renda eu te alugo pra ganhar!”, orientada pelo professor Luís Geraldo Silva. A monografia desfaz a falsa ideia de que na cidade de Curitiba não havia negros. Confira abaixo o relato e as reflexões de Almira, que de um jeito muito particular, coloca o dedo na ferida sobre o que ela bem entende.

**“Minha mãe era uma pessoa... como é que eu posso dizer?  
Ela defendia algumas coisas, né?”**

Eu nasci no litoral paranaense, em Paranaguá, porém fui embora cedo de lá, ainda bebê, quando meu pai foi transferido para São Paulo. Sou a filha mais velha de uma família de quatro irmãos do primeiro casamento do meu pai. Eu vim para Curitiba quando já tinha oito anos de idade.

Tive um contexto familiar que favorecia o debate político. Pelo menos o interesse. Amigos dos meus pais que iam lá em casa, que tinham outras ideias. Enfim, a gente convivia com essa realidade. Minha mãe era uma pessoa... como é que eu posso dizer? Ela defendia algumas coisas, né? Defendia a greve e era professora. Cresci um pouco nesse ambiente. Ainda criança, mas já observava.

**“O diretor mudou algumas coisas no uniforme e a disciplina se tornou extremamente rígida”**

Fui me inteirar do processo político e do que significava tudo isso mais tarde. Estava concluindo o ginásio quando a ditadura estava se instaurando. Porque no ginásio, ainda com 13 anos, só percebi a mudança quando trocaram a direção, quando esse regime já estava querendo se instaurar. Hoje eu faço essa relação. O diretor mudou algumas coisas no uniforme e a disciplina se tornou extremamente rígida. Horrível. Horrível, horrível. E isso foi em 1962, quando houve uma reforma na educação. Ele inclusive mudou os nossos sapatos. Era obrigatório usar um sapato que era mandado fabricar. Era um sapato horrível. Hoje eu chamo aquilo de coturno. Ele não era alto como um coturno, era baixinho, tipo sapato masculino, como a gente chamava na época. Era muito duro, machucava o pé e era amarrado. Então virou uma coisa muito, muito intensa. Eu não gostava daquilo, reclamava, enfim.

Minha mãe e eu já questionávamos isso. Então a disciplina, que sempre foi rígida no Instituto, ficou ainda mais intensa nesse período.

### **“Lá se reuniam alguns estudantes universitários, e eles tinham uma conversa interessante”**

Mas só mais tarde eu fui fazer as associações. No magistério, promoviam jogos universitários e a gente ia, nos sábados à tarde, para algum clube ou para alguma escola. Eu nunca fui afeita a participar desses jogos, mas comecei a perceber que lá se reuniam alguns estudantes universitários, e que eles tinham uma conversa interessante. Comecei a prestar atenção nas conversas deles. Já era a União Nacional dos Estudantes (UNE) e a União Paranaense dos Estudantes Secundaristas (UPES). Adolescência, hoje em dia, é uma coisa que parece naturalizada, mas no meu tempo não se falava muito nessa questão. Eu era mais uma jovem estudante, e logo seria adulta. Então, aos meus 14, 15, 16 anos, os trotes que os universitários faziam para os calouros eram bem comuns. Eles faziam muitas críticas ao Brasil. Críticas políticas, uma série de coisas, e isso me chamava muito a atenção. Eu gostava porque a gente começava a ter outro olhar a respeito da realidade do país.

### **“Me lembro do meu irmão chegar em casa e contar que alguns amigos haviam desaparecido”**

Em 1968, dois anos depois do falecimento da minha mãe, o meu pai casou-se novamente e fomos morar no centro, na Galeria Andrade, perto do Correio, onde hoje é a Estação Central. Ali os trotes começaram a ser reprimidos. Então veio o Ato Institucional nº 5 (AI-5), e a polícia começou a bater nos estudantes. A violência era terrível.

Me lembro de ter feito um comentário em casa, vendo aquilo de longe, aquele absurdo, aquela barbaridade. Porque aí eu já não me aproximava tanto dos trotes. A gente tinha um pouco de medo, é claro. Meu pai começou a nos alertar: "Cuidado com o que vocês estão dizendo, cuidado com o que vocês estão fazendo." Me lembro do meu irmão, que fazia cursinho para a universidade, chegar em casa e contar que alguns amigos haviam desaparecido depois de panfletarem no final

da aula. Nunca mais se soube deles. Não sei se a família soube, tudo isso aconteceu em pleno 68.

### **“Eu fiquei muito mal vista pela família da minha madrasta, principalmente, porque questionei um advogado”**

Fiz uma crítica dentro de casa contra aquela violência. Um amigo da irmã da minha madrasta estava lá, e era advogado. Sem saber, fiz a crítica em alto e bom tom. Ele disse: "Não, veja bem, eles estão dizendo coisas que não deveriam dizer." Enfim, defendeu a agressão aos estudantes. Respondi: "Escute o que você está dizendo. Está falando que é certo agredir quem está mostrando para a população o que está acontecendo?"

Eu tinha noção do golpe naquela época, claro. Era 68, ou 69, e o golpe tinha acontecido em 64. Eram quatro anos de violência explícita. E ele me chamou a atenção. Era mais velho. E quem era eu? Uma jovem de 18 anos que "não sabia nada da vida", segundo ele. Mas eu questionei! Fui para o debate. Com pouca argumentação, mas fui.

Depois me chamaram a atenção de que aquilo não era jeito de responder o "doutor". Ele era doutor no quê? Doutor é quem defende uma tese, tem ela aprovada. Fiquei muito mal vista pela família da minha madrasta, principalmente, porque questionei um advogado. Enfim, comecei a me perceber como alguém meio "rísvida", até meio mal-educada, porque questionei esse advogado que defendia a agressão aos estudantes.

### **“Nós tínhamos reuniões mensais e semanais na Igreja de Xaxim”**

Depois eu fiquei noiva e casei em 1969. Me distanciei um pouco dessas coisas. Olhava de longe. Não entrei para a militância nesse momento. As contradições da vida, né? Eu e meu esposo éramos oposição. Eu a ele e ele a mim. Como eu já era professora, acabei indo trabalhar. Minha filha nasceu em 1970. Então, me dediquei a cuidar dela e vivi aquele momento mais difícil.

Em 1973 eu vou morar num conjunto habitacional da Cohab, na Avenida Brasília. Naquele momento, surgem as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e os padres vêm para conversar com a gente, eram da Teologia da Libertação. Num instante, eu estou envolvida. Nós tínhamos reuniões mensais e semanais na Igreja de Xaxim, ouvindo o Padre Miguel e aprendendo o que era aquela ditadura. As CEBs faziam formação política. Todo esse momento faz uma transformação na minha vida. Um tempo depois eu começo a fazer algumas relações. A minha família é miscigenada. Tanto materna quanto paterna. No conjunto onde eu morava, comecei a perceber a presença de pessoas de origem não branca, certo? Aquilo me chama muita atenção. Eu tenho formação cristã pela família da minha mãe, mas a minha avó paterna era da umbanda.

**""Por que você não está aqui com a gente para discutir a questão racial?". Opa, tô indo. Já fui."**

Gostava muito de ir para a casa da minha avó. Ela colocava discos de pontos de umbanda na vitrola. Tento compreender "o que é isso?", porque a formação nas CEBs não dava conta de explicar, e eu percebo as diferenças na forma em que as pessoas se referiam a elas mesmas.

Então, em 1980, quando o Partido dos Trabalhadores (PT) nasceu, eu já tinha entendido o que era discriminação racial. Um companheiro chegou para mim e disse: "Mas você está fazendo o quê discutindo nesse grupo aí? Por que você não está aqui com a gente para discutir a questão racial?". Opa, tô indo. Já fui.

Vou para o Movimento Negro. Participo num primeiro momento da Associação Cultural de Negritude e Ação Popular (ACNAP), em Curitiba. Eles eram agentes de pastoral, hoje são uma associação cultural. E dentro do PT, começamos a fazer esse debate, buscando conhecimento, aprofundando algumas questões, etc. Surge a possibilidade de ir para encontros nacionais. Aí eu conheço o Movimento Negro Unificado (MNU).

## “Era um tempo que os *skinheads*<sup>1</sup> atacavam diretamente, enquanto andávamos pela rua”

A gente começa a articular e a ser articulado pelas lideranças. Eu me aproximei muito de Milton Barbosa, o Miltão. O MNU de Curitiba tem a mesma origem do MNU de São Paulo e do Rio de Janeiro: a luta contra a violência e o assassinato de trabalhadores negros. Em Curitiba, temos o Núcleo Carlos Adilson de Siqueira. Um trabalhador foi assassinado no Largo da Ordem



➤ No evento de lançamento da Comissão de Igualdade Racial, 2023



➤ Reunião da marcha de mulheres negras – Curitiba

1 No Brasil, o movimento *skinhead* chegou nos anos 1980, influenciado principalmente, pelas subculturas juvenis da Inglaterra. Assim como no Reino Unido, o movimento foi dividido em diferentes vertentes. Alguns grupos adotaram a estética e a ideologia neonazista e fascista e promovem, até hoje, violência contra minorias, imigrantes e pessoas LGBTQIA+.

quando estava desmontando o equipamento dele para ir para casa. Foi assassinado com um tiro à traição. Nós fizemos um grande movimento. Exigimos justiça. Fomos às autoridades e até hoje está esquecido, nunca foi solucionado. Era um tempo em que os *skinheads* atacavam diretamente enquanto andávamos pela rua. Não que não façam mais isso, mas naquele momento foi extremamente violento e intenso esse processo. A partir do MNU de Curitiba, começamos a organizar cursos de formação política. A Secretaria de Combate ao Racismo do PT do Paraná só surgiu em 1999. E foi uma articulação forte, com muita resistência. Mesmo entre nós, de origem negra, africana, há resistências. O processo de colonização fez isso conosco, não só em Curitiba, não só no Brasil. Então, em 1999, fui a primeira secretária de combate ao racismo do PT do Paraná.

**“Em Curitiba a resistência era maior. Inclusive com a argumentação de que no Paraná não tinha negros”**

Éramos questionados se não estávamos dividindo a luta de classes. Disseram que trabalhador é trabalhador e é explorado igual. Foi aí que buscamos na história trazer a diferença que existe entre a exploração do trabalhador, da trabalhadora, e o processo de racialização. O processo de discriminação racial imposto a nós, desde a nossa ancestralidade.

Em Curitiba a resistência era maior. Inclusive com a argumentação de que no Paraná não tinha negros. Nós fomos atrás dos dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e mostramos que o Paraná é o estado com maior percentual de negros e negras da Região Sul. Inclusive, só em 1995 que, após organizar e debater o tricentenário de Zumbi dos Palmares, nós fomos procurados pelos líderes do Quilombo do Paiol das Telhas. Dez Anos mais tarde, em 2005, foi criado o Grupo Clóvis Moura para mapear os quilombos do Paraná.

Ao trazer o debate para o presente, o momento demonstra o quanto precisamos estar articulados. É necessário articular novas formas de organização coletiva. O que nos resta frente ao genocídio? Então é um

jogo de capoeira, né? Se dá um passo para frente e se dão dois para trás para se organizar e voltar.

**“A criança é obrigada a cortar o cabelo. Ou então andar com ele bem amarrado”**

Hoje as pessoas se apresentam com base na estética de origem afro. As pessoas fazem isso com tranquilidade. Um pouco mais de tranquilidade, quero dizer. Há algum tempo isso não ocorria. Ainda assim, vivemos momentos de extrema angústia ao sermos rejeitados pela nossa estética. Isso ocorre na escola, por exemplo, a criança é obrigada a cortar o cabelo, ou então andar com ele bem amarrado. Os praticantes das religiões de matriz africana são criticados e desrespeitados ao usarem suas indumentárias.

A Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPPIR) foi uma estratégia construída pelo movimento negro em 2003. Um passo para frente, sim, mas dois para trás. Por quê? Porque uma vez conquistada, acaba sendo alvo e passa a ser do interesse de ações que nem sempre contribuem para a luta antirracista.

Também não podemos deixar de citar a histórica conquista do movimento negro que foi a Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Neste ano, foi alterada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) que tornou obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas brasileiras. E aí vêm os passos para trás, para implementação efetiva desta legislação, que deveria começar pelos centros de formação de educadores e professoras.

**“A possibilidade, ainda que tênue, de reverter esse processo é...”**

Como é que os quilombos estão ainda hoje no Brasil? Negam a sua unidade, impossibilitam o seu acesso aos bens públicos, educação, saúde, moradia e saneamento básico. Como é que os nossos centros sagrados, os nossos espaços sagrados violentados por incêndios, assassinatos das lideranças religiosas, como é que eles ainda resistiriam se não fosse a nossa força? E a nossa busca por reorganizar e construir uma outra história? Não é? Então, os avanços que existem acerca das questões raciais têm sido pensados, estruturados, elaborados e divulgados por esforço do movimento negro.

Foto: Acervo pessoal / Anaí Moana Marceli | Edição Gabriela



➤ **Na comemoração dos 45 anos do Movimento Negro Unificado (MNU), 2023**



➤ **Na Câmara Municipal de Curitiba**

O mito da democracia racial foi uma luta nossa. Porque a democracia racial nunca existiu. A libertação da escravidão que reverencia ainda hoje, infelizmente, uma redentora, é uma farsa. Fomos nós que denunciá-amos. Nós que dissemos que o 13 de Maio é só um momento de denúncia, porque a nossa data com significado libertário e emancipatório é 20 de novembro, a data do assassinato de Zumbi dos Palmares, um dos líderes dessa luta. Ainda temos muito para fazer. Por isso eu falo. O futuro vem aí. As juventudes vem aí. Contudo, a possibilidade, ainda que tênue, de reverter esse processo, é acreditar na importância do coletivo e observar como o imaginário popular foi penetrado pela ideia de que sofrer é bom. Porque o nosso mundo não é esse. No imaginário da população se concretizou o que hoje nós vemos nas manifestações religiosas. Como é que isso chegou ao ponto de intervir na política? Vemos o negacionismo dominando as inteligências negando a ciência, a vacina e a vida. Como as pessoas absorvem isso e ao mesmo tempo se sentem iluminadas pelo poder divino?

### **“Vamos esperar, como disse o Paulo Freire”**

Esse mundo binário transformou as pessoas nisto: ou isso ou aquilo. Ou é ou não é. Ou quer ou não quer. Eu acho que a única forma, talvez, é fortalecer a ideia e a importância da construção solidária e coletiva. Como é que nós vamos fazer isso? Vamos começar a acreditar nela. Vamos começar a retomar a importância do estudo, da pesquisa, do conhecimento e esperar, como disse o Paulo Freire. Esperar é saber que é possível, sim, que nós estamos sendo alvo de depósito de mentiras, e nós aceitamos e acreditamos.

É preciso acreditar e ir às ruas para ouvir o que o povo tem a dizer. Não é porque fiz uma reunião ali que acabou o fascismo, o racismo, o machismo e a LGBTfobia. A primeira coisa que devemos fazer é descobrir o Brasil. Como é que nós vamos descobrir o Brasil? Quem descobriu o Brasil? Vamos começar a ouvir as pessoas e seus questionamentos e o que elas podem nos trazer. Quais são os questionamentos que nós temos para

nós mesmos? Quais são os questionamentos que os grupos nos quais nós circulamos podem nos trazer? A partir das perguntas, que reflexões podem ser apontadas? Que estratégias podemos desenvolver e com que táticas podemos resistir?

Nós temos que ouvir as pessoas. Elas vão dizer tudo. Como é que nós vamos transformar esse tudo num projeto de sociedade? Aprender a escutar talvez seja a melhor forma de esperar. Esperar ouvindo. E na rua, o que é que esse povo está dizendo para a gente? Ouvir é uma das alternativas. <



**Carlitos Marinho** (1997) nasceu em Mariluz, no Paraná. É jornalista na Secretaria de Estado da Cultura do Paraná e pesquisa Gestão Cultural no Programa de Pós-Graduação da Unespar.

# Carolina Nabuco, uma escritora cordial

Adriana Tulio Baggio

Tomei conhecimento de Carolina Nabuco (1890 – 1981) em 2019, durante uma feira de livros. Fui atraída por uma capa com croquis de trajes femininos de outros tempos. Era a edição mais recente de *A sucessora* (2018, Editora Instante), o romance de estreia de Nabuco, lançado em 1934 pela Companhia Editora Nacional. Ao ler a sinopse, descobri que já a conhecia, ou ao menos o enredo do seu livro: a jovem Marina se casa com Roberto, um viúvo rico e bonito, e o casal vai morar no palacete onde ele vivera com a primeira mulher. Por descuido ou de propósito, esquecem de tirar da casa o imponente retrato da falecida, a glamurosa Alice, que passa a assombrar sua “sucessora”.

O romance foi bem recebido pela crítica da época, mas o sucesso veio por fatores externos a ele. Em 1938, na Inglaterra, Daphne du Maurier publicou *Rebecca*. E em 1940, Alfred Hitchcock ganhou o Oscar pelo filme adaptado do romance. Antes mesmo de fita e livro chegarem ao Brasil, fontes no exterior já tinham percebido que a história se parecia com *A sucessora*. O plágio, constatado pelo crítico Álvaro Lins, renovou o interesse pelo romance, que recebeu mais duas edições em 1940 e 1941, agora pela José Olympio (e muitas mais depois, por outras editoras). Décadas mais tarde, em 1978, *A sucessora* se tornaria novela pelas mãos de Manoel Carlos, que recebeu as bênçãos da autora. E em 2020 vimos o remake do *Rebecca* de Hitchcock por Ben Wheatley, na Netflix. Toda vez que *A sucessora* ou *Rebecca* aparecem, lembra-se de Carolina Nabuco. Mas só pela fofoca do plágio, e não por reconhecimento à sua atuação como intelectual e escritora.

Quando vi a capa com figurinos de papel, eu já era uma pesquisadora experiente que decidira cursar Letras na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Para o trabalho de conclusão de curso, apresentado em 2022, elegi como tema o “A sucessora no contexto do Romance de 30”. Nabuco escrevera naquela década, mas praticamente ninguém a associava à escrita. Os poucos estudos tratavam do seu apagamento ou do episódio do plágio. O que é uma amostra da realidade: ao conversar com as pessoas sobre o TCC, ninguém reconhecia Carolina Nabuco. Se eu mencionava o plágio e a novela da Globo, alguns se lembravam. Mas esses fei-

tos não fazem jus à sua relevância para a historiografia da literatura e da intelectualidade brasileira.

No terreno da ficção, Nabuco também publicou o romance *Chama e cinzas* (1947) e o volume de contos *O ladrão de guarda-chuva e dez outras histórias* (1969). O grosso de sua produção está em gêneros não ficcionais. Sua estreia como autora foi com a biografia do pai, Joaquim Nabuco (1849 – 1910), em 1929 (*A vida de Joaquim Nabuco*). Nessa seara, escreveu também sobre a vida de Santa Catarina de Sena, em 1957, e a do político e jornalista Virgílio de Melo Franco (1897 – 1948), em 1962; em 1973 saiu seu livro de memórias, *Oito décadas*. Nabuco assinou ainda dois ensaios sobre o país onde vivera e que adorava: “Visão dos Estados Unidos”, de 1953, e “Retrato dos Estados Unidos à Luz da Sua Literatura”, de 1967. Escreveu ainda um catecismo historiado, em 1940 — Carolina Nabuco era uma ideóloga católica — e o volume *Meu livro de cozinha* (1977), mistura de receitas, memórias e crônicas culinárias. Publicou também conferências, traduções e muitos artigos na imprensa.

► **Carolina Nabuco entre o pintor Cícero Dias (à esquerda) e o sociólogo Gilberto Freyre (à direita), em Recife, em 5 de novembro de 1936**



Desses artigos na imprensa eu soube durante a elaboração do TCC, quando buscava menções sobre *A sucessora* no acervo da Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional. Naquela ocasião, não pude investigá-los a fundo, mas voltei a eles agora, em 2024, no âmbito de um projeto cultural.<sup>1</sup> Busquei pelo nome “Carolina Nabuco” em periódicos do Rio de Janeiro e São Paulo (os principais centros intelectuais) e de Pernambuco (uma visita de Nabuco a Recife teve grande repercussão na imprensa), no período de 1930 a 1939, pois foi a década de publicação de *A sucessora* e da consolidação da escritora. O levantamento encontrou 44 publicações de 33 títulos, sendo que alguns foram veiculados em mais de um periódico, de variados gêneros textuais.

Esse material mostra coisas interessantes: em primeiro lugar, uma mulher que, apesar de conservadora, não se confinava à casa ou às sociabilidades da elite. Teve uma importante atuação pública, talvez viabilizada por sua origem de classe e por não ter se casado e nem tido filhos. Em segundo, a constatação de que Nabuco tinha um “projeto” para o Brasil, alicerçado na ideologia católica da época, mas elaborado de acordo com suas vivências nos círculos políticos, econômicos e diplomáticos. É uma visão presente nas reflexões que o narrador de *A sucessora* atribui à personagem Marina e que, mais tarde, aparecerá em textos não ficcionais. Por exemplo: a incipiência da literatura brasileira; o Brasil como o país do futuro, um lugar em que os valores tradicionais ainda estariam preservados, ao contrário do que acontecia na Europa; a decadência da economia rural a partir da Abolição e um questionamento sobre se teria valido a pena. Na lógica do narrador, o trabalhador livre dos grandes centros urbanos, normalmente operário industrial, vivia de modo mais insalubre do que os escravizados bem tratados e alimentados por seus senhores (sic.).

Para ficar apenas nesse último exemplo, podemos

<sup>1</sup> “O projeto de Brasil de Carolina Nabuco: manifestações da escritora na imprensa”. Projeto realizado por meio da Lei Municipal Complementar 57/2005 do Programa de Apoio e Incentivo à Cultura, Fundação Cultural de Curitiba e Prefeitura Municipal de Curitiba, Secretaria da Cultura e Governo Federal.

ver que o “racismo cordial” da personagem Marina — presente em boa parte da intelectualidade brasileira da época — aparecerá na comunicação apresentada no III Congresso de História Nacional, em 1938, na qual Nabuco propõe uma visão suavizada da escravidão brasileira. Laivos desse pensamento estão também nas conferências realizadas em Recife, em 1936, transcritas em jornais. Nelas, Carolina enaltece a postura do pai, mais reflexiva do fim da vida (já convertido ao catolicismo), em detrimento da militância antiescravista — e até partidária da reforma agrária — dos tempos de juventude do abolicionista.

Pesquisadores aventam que o apagamento da autora talvez se deva especialmente a dois fatores: ser mulher e ser conservadora. As poucas literatas tratadas pela historiografia do Romance de 30 são as que questionam o papel social da mulher. Carolina não fez isso. Fez, no entanto, um romance psicológico, a segunda tendência do movimento — a primeira foi a literatura “engajada”. Em prefácio a uma edição de 1964 de *A sucessora*, o crítico Francisco Assis Barbosa chega a propor Nabuco como antecipadora das experiências mais ousadas de tipo psicológico, apenas muito mais tarde tentadas por Clarice Lispector: “[...] a investigação da autenticidade não direi da mulher brasileira em geral, mas de um tipo determinado de brasileiras, as ‘bem nascidas’, quase todas distinguindo-se por ideias e preconceitos de um tradicionalismo moribundo — que, na realidade, nunca teve peso entre nós —, caracterizadas particularmente pelo medo da vida.”

Discordo fortemente das visões de mundo de Carolina Nabuco e alguns trechos de seus escritos me causam revolta. Sinto o mesmo com obras de autores homens de mesma estirpe, só que eles estão presentes no cânone, ainda quando criticados. Nabuco não deve ser poupada, mas a ela também não deve ser negado o direito à contradição e à crítica sociopolítica e literária. Na pior das hipóteses, estudar seus escritos é acompanhar a elaboração de pensamentos que fundam nossa nada cordial sociedade brasileira. ◀



Foto: Estúdio Club Imagem

**Adriana Tulio Baggio** é pesquisadora e trabalhadora do texto. Atuou como redatora publicitária e professora universitária e hoje pesquisa e escreve sobre livros, leitura, literatura e bibliotecas.

# Telaranha

Guilherme Condimoura e Hiago Rizzi

## Emily, (Telaranha, 2024) — Guilherme Condimoura

ل أبيب

“por vozes multifluentes  
algaravia de arabescos”

— Haroldo de Campos

a sala de  
una história de Ulisses  
Lima, el risinho amolado  
no rincón da luz  
do velho abajour belga

“tem certeza de que só  
há um caderno possível?”

os dois ojos que  
desenham um arco em  
uno cielo cromado

nuestro destaque sci-fi  
a última lição de casa  
:  
Diderot, tão inocentes os carneiros

imagine  
as roupas no varal

\*

## leonardo marona

apoiar-se nos palitos  
de dente  
e lembrar dos  
    pequenos mutilados  
porque  
pode ser  
que um dia  
infelizmente

\*

## candy darling

passa o isqueiro  
como quem passa  
uma faca

disse do dilúvio de  
luz, de Antero de Quental  
esse curto-circuito divino

próximo, com espaço entre os lábios  
e um ranger de  
dentes, surge a epígrafe de  
Kawabata no livro de  
Wilson Bueno

esse  
abandono entre os dedos

## CARNAVAL

cai uma garoa chata e  
lembra de são paulo? é assim também  
dá vontade de dizer que é assim  
em toda cidade com mais de 100 mil  
mas eu não digo porque já contei do teatro  
e do que penso sobre beijar homens e mulheres

\*

um homem pinta as paredes  
da nossa casa  
não é meu pai  
não é pai dos meus irmãos  
cobre a casa de verde  
mantém um interesse primário  
pela botânica  
crianças  
sangue do meu sangue  
vermelho  
esse homem  
ama vinhos importados  
condução consciente  
os olhos verdes da  
nossa mãe

\*

## EPÍLOGO

faz três dias botei os tigres pra dormir  
cobri com uma manta de algodão quase linho  
eles crescem cobertos são quase adultos  
eu sentado do lado de fora do quarto-jaula  
lendo-escrevendo sob o amarelo do corredor  
— a gente sabe quando é hora de ir-se —  
sem fazer barulho deixo a luz quase acesa  
para que cobertos os tigres adoesçam ◀



Foto: Bárbara Imaké

**Guilherme Condimoura** nasceu no Rio de Janeiro (RJ), em 1995, e cresceu em Cachoeiro de Itapemirim (ES). É doutorando em Letras, com foco em Estudos Literários, pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), mestre em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e graduado em Letras pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio). É membro do ODORICo – Laboratório de Teoria e Crítica de Tradução Literária – e cofundador da Telaranha Edições e da Livraria Telaranha. Além disso, é responsável pelos projetos de noise e arte sonora Kafka the Creator, Gui K. O. e Voleibol Feminino.

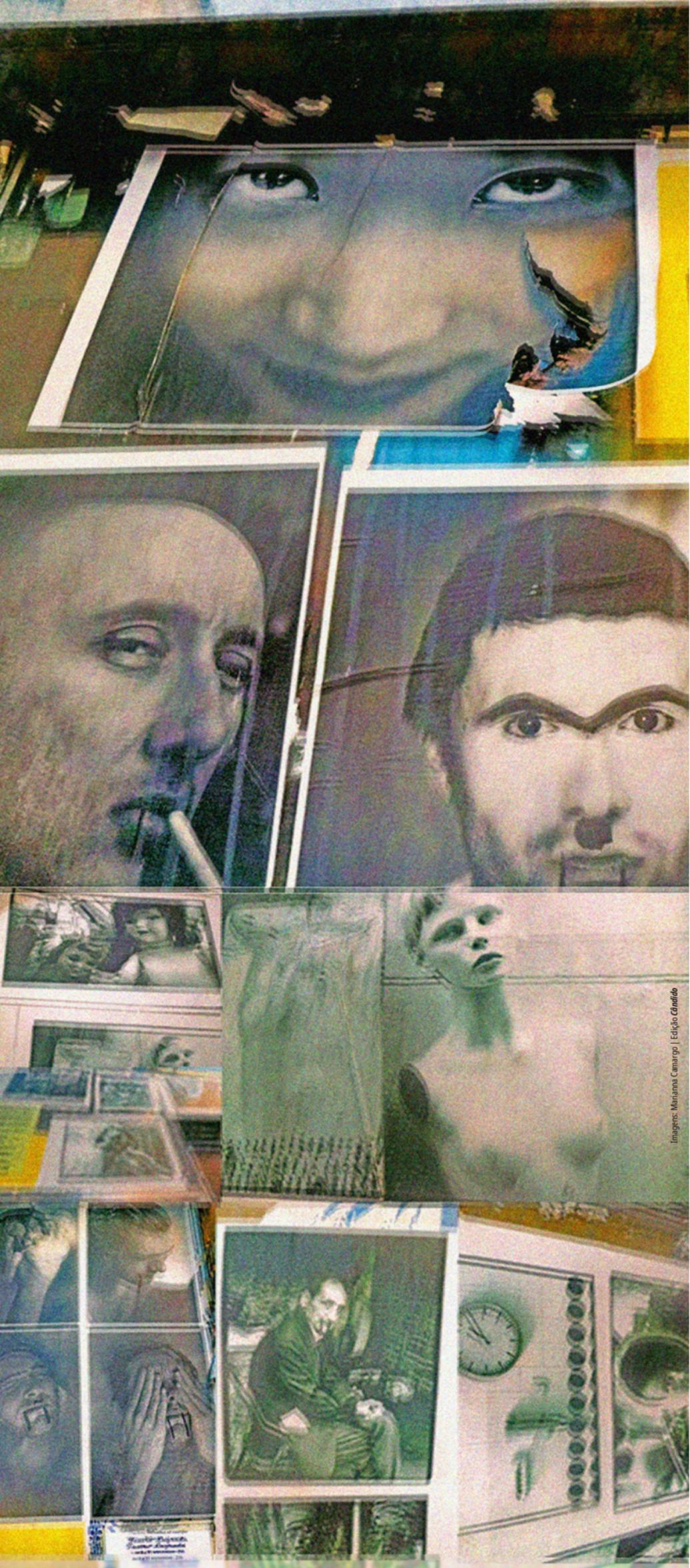
**Hiago Rizzi** nasceu em Maravilha, Santa Catarina, em 2000. É formado em Jornalismo pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Foi colaborador da Divisão de Difusão Cultural da Biblioteca Pública do Paraná, repórter do jornal *Cândido* e é coordenador de comunicação da Telaranha. Editou a publicação de artes visuais e poesia contemporânea *Perto do fogo* (2022) e organizou a antologia poética *Espáduas* (2023), de Rollo de Resende (1965-1995). *Maravilha* é seu primeiro livro.



Foto: João Vitor Soares

Simetria  
do  
~  
não

Marianna Camargo



Imagens: Marianna Camargo | Edição: Cândido

Meus olhos são sinais através dos  
muros  
Os olhos que não encontro  
São seus

Seu sorriso, sua pele, seu caminho  
Espelho  
a raiz do seu sonho

são as esquinas, essas espirais do medo  
roubo tua imagem  
miro os seus olhos, seu sorriso, sua pele

entre a noite e o vento  
invento uma língua  
um país que não existe

refaço a cartografia da memória  
escrevo para não existir mais



**Marianna Camargo** é jornalista, escritora e editora do jornal **Cândido**. Possui especialização em Gestão Cultural Comunitária, pela Universidade da República do Uruguai (Udelar) e Gestão de Informações Públicas e Base de Dados (Agesic/Governo Federal do Uruguai).

# Vestígios do imaginário

Charly Techio

**Charly Techio**, nascida em Ipumirim (SC), em 1977, pesquisa fotografia há 20 anos, explorando formas de alterar sua relação com a realidade. Inicialmente, interferia fisicamente na captura da imagem ou por meio do laboratório analógico, mas a fotografia digital trouxe novas possibilidades de transformação da imagem, incluindo tratamento, colagem digital e recursos da inteligência artificial. O autorretrato e a construção de cena são frequentes em seu trabalho, que aborda temas como a finitude da vida, memória e a relação homem-natureza, de forma imaginativa e mítica.

Techio realizou residência no programa Berlin\_im\_fokus e participou de diversos eventos artísticos, incluindo o 15º Salão da Bahia, o 63º Salão Paranaense, exposições nos Estados Unidos e países da Europa. Recebeu reconhecimento como o primeiro lugar no 19º Encontro de Artes Plásticas de Atibaia e menção honrosa no 2º Concurso Foto Arte Brasília. Entre suas individuais, destaque para a Mostra Estado de Suspensão, no Museu da Fotografia de Curitiba. Suas obras integram a coleção do Espaço Cultural Contemporâneo de Brasília. Vive e trabalha em Curitiba, atuando como professora, curadora e supervisora do Curso de Fotografia do Centro Europeu.





## Vestígios do Imaginário

Desde o início, busquei maneiras de escapar do registro da realidade. No entanto, para a fotografia, algo precisa existir para ser capturado. Com a Inteligência Artificial, surge a possibilidade de voltar no tempo e recriar imagens que nunca foram registradas.

Tenho memórias de acontecimentos, e até de sonhos, desde os meus dois anos. Embora saibamos que a lembrança nos prega peças e que alguns eventos podem se misturar com sentimentos, quis registrar esses momentos.

As fotografias são nossos depósitos de lembranças. Então, quem somos, além das memórias de nosso passado?

Neste projeto, a Inteligência Artificial também reproduz minhas lembranças e sonhos de infância. É uma mistura de possíveis realidades, como desenterrar uma cápsula do tempo com cenas que não foram capturadas na época. Unindo memória e tecnologia, preservo a qualidade onírica nas falhas de geração das imagens, assim como na falibilidade das recordações, ou como os sonhos apresentam perspectivas distorcidas.

Criou-se um diário imaginado, uma forma de não perder os fragmentos que permanecem gravados em mim. Talvez, com o tempo, essas imagens se tornem minhas novas memórias. <

















## EXPEDIENTE

Governador do Estado do Paraná

**Carlos Massa Ratinho Junior**

Secretária da Cultura do Estado do Paraná

**Luciana Casagrande Pereira Ferreira**

Diretora da Biblioteca Pública do Paraná

**Luiz Felipe Leprevost**

Editora

**Marianna Camargo**

Redação

**Lucas de Lima**

**Maria Beatriz Peres**

Pesquisa e Produção:

**Carla Sgarioni**

**Leticia Lopes de Souza**

Estagiária

**Bianca Weiss**

Colaboradores desta edição

**Adriana Tulio Baggio**

**Carlitos Marinho**

**Charly Techio**

**Francisco Camolezi**

**Guilherme Condimoura**

**Hiago Rizzi**

**Luiz Felipe Cunha**

Ilustração de capa

**Hugo Mendes**

Design Gráfico

**Rita Solieri**

Diagramação

**Turi De Sá**



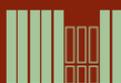
## Cândido

[imprensa@bpp.pr.gov.br](mailto:imprensa@bpp.pr.gov.br) | [imprensa@seec.pr.gov.br](mailto:imprensa@seec.pr.gov.br)

[bpp.pr.gov.br/Candido](http://bpp.pr.gov.br/Candido)

[instagram.com/candidobpp](https://www.instagram.com/candidobpp)

[facebook.com/jornalcandido](https://www.facebook.com/jornalcandido)



BIBLIOTECA  
PÚBLICA  
DO PARANÁ



**PARANÁ**   
GOVERNO DO ESTADO  
SECRETARIA DA CULTURA